

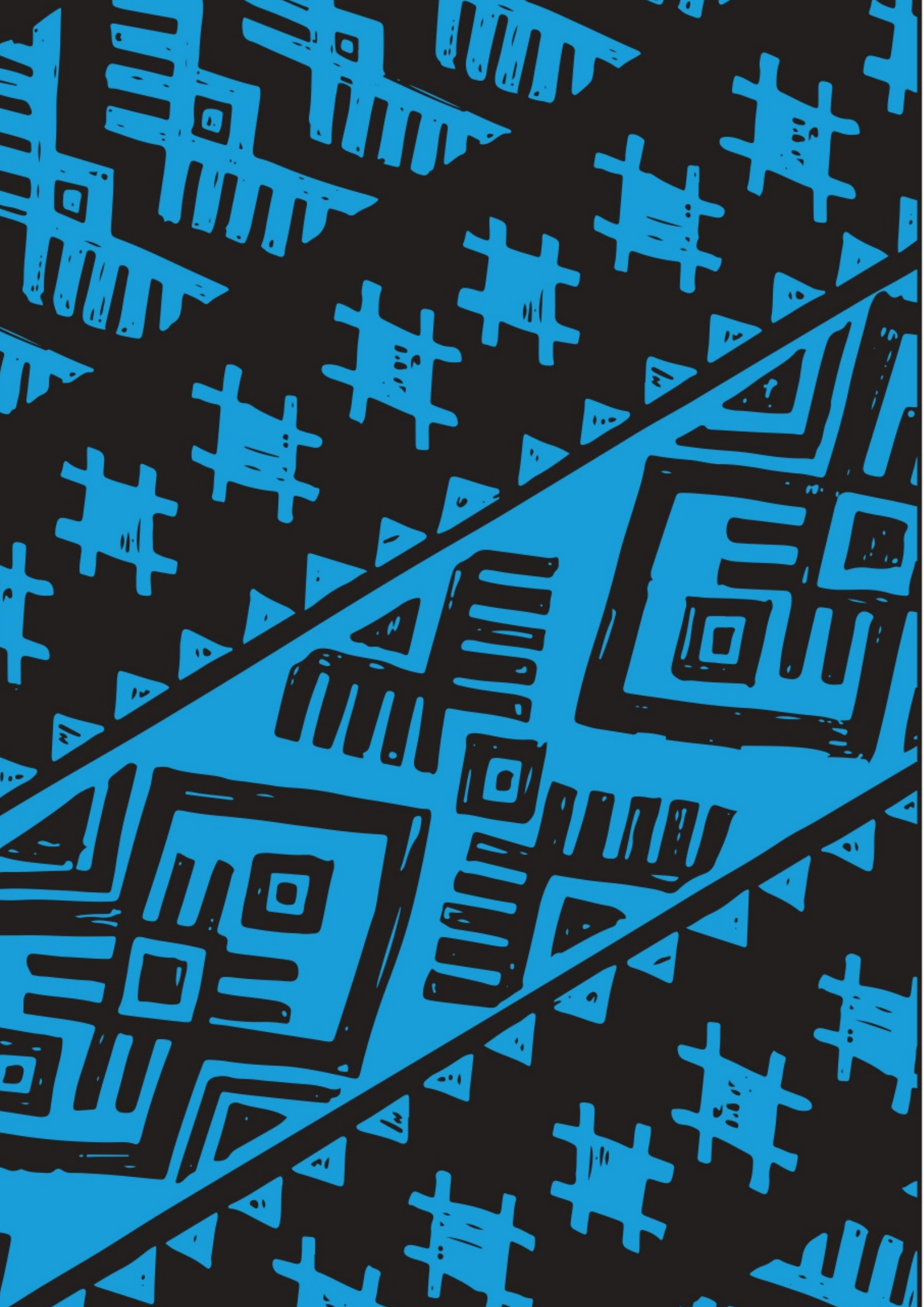


**RUTH·GUIMARÃES**  
**CONTOS**  
**DO CÉU E DA TERRA**


Ruth  
Guimarães

CONTOS  
DO CÉU E  
DA TERRA





# Mastrilhas



**M**astrilhas era o ladrão mais malvado do mundo. Homens de barba na cara tremiam só de pensar em atravessar a floresta e dar de encontro com ele, na noite. Mandava chicotear os ricos comerciantes de quem tomava o dinheiro. Queimava carruagens. Fazia correrem nus, para fora do seu reino de terror, os grandes dignitários que, por infelicidade, por ali tinham sido obrigados a passar.

E porque assim abusou da sorte, e como ofendeu gravemente os poderosos, tanto o perseguiram que o capturaram.

Lá se vai Mastrilhas, extinto na boca o riso largo. Os soldados do rei vão o espetando com a ponta do sabre, rancorosos. Tem as mãos amarradas na frente. Pesados os pés. Gente guardando-o de todos os lados, com armas, onde, ao sol, brincam relâmpagos. A chispa de seu olhar de fera, os soldados andam mais depressa e o empurram atabalhoados, com medo.

Lá se vai Mastrilhas. Nas abertas do mato, olhos duros de bandidos espiam e os homens fora da lei estão prontos a saltar na estrada, à menor negligência dos captores. Porém, ninguém se descuida. Os soldados do rei são legião, têm as armas prontas, o olho vivo, o ouvido atento, a mão armada em bote.

Lá se vai Mastrilhas.

Foi enforcado entre urros da população, e, ao que parecia, ninguém teve piedade. Estava um dia radioso, de sol e risos. Moças passeavam de vestido novo, namorados se contemplavam num enlevo, sem pensar no justificado.

E assim, lá se foi Mastrilhas.

Num cantinho da praça, às escondidas, uma pobre de Deus enxugou uma lágrima, pensando no dia em que Mastrilhas lhe enchera as mãos de prata, para que ela comprasse pão. Um homem se perguntou como poderia ser criminoso de força o homem que o tinha ajudado a atravessar o rio em noite de tempestade.

— Salvou a vida de meu pai — aparteu outro.

— Foi, eu sei. Arriscou a vida, lutando com os remos, aos urros — o outro contou. — Cortava a onda raivosa a golpes desesperados. Mas trouxemos o doutor. Eu, que sou o barqueiro, não teria me arriscado tanto.

— Sem socorro, o caso seria de morte. Salvou meu pai.

Outros acrescentaram que Mastrilhas acariciava as crianças com a mão tão pesada e berros de alegria tão súbitos que as fazia gritar. Mas as crianças não o temiam.

— Com essa brutalidade?

Não temiam mesmo. Ele gostava de crianças, qualquer um sabia disso. Elas o seguiam por toda parte, caladinhas, correndo ao menor de seus ímpetos e acudindo em seguida ao seu alegre assobio.

— Por isso não vejo crianças aqui hoje.

— Nenhuma. Como poderiam vê-lo morrer?

Chorou por ele a mocinha que o via tão generoso, de coração aberto, amigo de festas e de música. E chorou o velho padre que, por uma coisa de nada, nele confiava.

— Você não pode estar calejado no crime, Mastrilhas, sendo tão devoto de São José. Por que não deixa essa vida?

Uma sombra de melancolia velou os belos olhos negros do bandido.

— Deixa pra lá, padre. Agora é tarde.

Volveu a rir, enquanto despejava na sacola da igreja todo o seu dinheiro, para os pobres de São José.

Foram dizer ao padre que Mastrilhas rezava todos os dias, todos, sem faltar um, para São José. O carrasco, que ouviu, completou:

— Foi pra São José que ele se encomendou ao morrer. Chorou muito. Estava chorando quando lhe passei a laçada ao pescoço.

— De medo?

— Não. De arrependimento.

O padre abanou a cabeça, murmurando:

— Que pena!

E lá se foi Mastrilhas. Acabou-se. Foi esquecido.

Entrementes, o outro julgamento ia começar.

Assim que morreu, encontrou-se Mastrilhas numa encruzilhada, escolheu um dos caminhos ao acaso, e foi parar direitinho na porta do inferno. O Diabo, quando ele ia chegando, botou a carantonha no portão e gritou, de mau humor:

— Pare aí, seu! Aonde vai indo? Seu lugar não é aqui, não. Gente que só anda chamando José, José, não fica aqui. Vá lá com ele.

— Pois eu vou.

Enquanto Mastrilhas virava as costas e retomava o caminho, com decidido passo, o Diabo ainda gritou:

— Chorou pra morrer, tamanho homem! Arrependido... Buuuuuuu!

Mastrilhas desfez todo o caminho andado, tomou o outro na encruzilhada e foi ter ao céu.

São Pedro bateu-lhe com a porta na cara.

— Não pode entrar!

— Quem está aí? — perguntou São José, que, no jardim, junto à porta, cuidava, tranquilo, dos seus canteiros de bastão perfumado.

O velho chaveiro bufou, enraivecido:

— Imagine! O Mastrilhas! Tem cara! Depois de tudo quanto fez, vir bater na porta do céu.

— No inferno não me quiseram. Eu fui lá! — informou Mastrilhas, gritando do lado de fora.

— Está vendo? Nem no inferno...

São José largou a ferramenta e pediu:

— Pedro, procurando bem, será que não há um jeito-nho? O Mastrilhas é gente minha.

— Não entra! — resolveu São Pedro, de mau modo.

— Um devoto meu não deve ir para o inferno.

— Não entra! — repetiu o chaveiro, categórico.

Aí São José se queimou.

— Não entra, por quê?

— Porque não entra. Está imundo de pecado. Isso desmoraliza, José, tem dó! Não podemos deixar qualquer Mastrilhas entrar no céu. Se continuar desse jeito, o ambiente aqui vai cair muito. Entrar no céu é privilégio, é prêmio da virtude, ora essa! ... O Mastrilhas!

Entra, não entra, foram consultar o Senhor.

— Com efeito, José — respondeu o Altíssimo cofiando a barba —, o teu protegido não está em condições de entrar.

— E o arrependimento, na hora da morte? Que prometeste Tu aos eleitos?

— É um minuto contra uma vida.

— Mas não é um minuto, Senhor. Durante a vida, deu esmolas...

— ... Com dinheiro mal ganho.

— Poderia tê-lo gastado pior...

— Como poderia tê-lo ganhado melhor.



— Foi um menino perdido. A mãe morreu quando ele nasceu. O pai era um salteador. Cresceu no bando. Que poderia ser? Que poderia fazer? Onde está Tua justiça?

— Nem todos os filhos de bandido seguiram a sua suja trilha. Bem que o padre tentou levá-lo ao bom caminho. Não dá para entrar.

— E a Tua misericórdia?

O Senhor não respondeu. Apenas meneou a cabeça.

Então, São José ameaçou:

— Está bem. Tu mandas. Mas, se Mastrilhas não entrar, saio eu.

— Como quiseres, meu bom José, aqui não podemos abrir precedentes perigosos.

— Saindo, levo tudo quanto me pertence.

— Claro. Bem poucos são os teus pertences: a banca de carpinteiro, que, afinal, nem usas. É o teu filho que anda lá. As flores, leva tudo. É pena que não queiras ficar. Já nos tínhamos acostumado à tua companhia. Escolhe o lugar que quiseres, por todo o vasto mundo. Tudo é teu. Instala-te à vontade, onde te aprouver.

— Mas levo o que é meu.

— Sim, leva.

— Levo Maria Santíssima, que é minha mulher.

— Devagar! — disse o Altíssimo.

— Como ela vai a sua corte de onze mil virgens...

— Não...

— São da corte de Maria, como sabes.

— És mais rico do que eu supunha.

— São Joaquim e Santana não quererão ficar, já que a filha foi banida.

— Banida? Que linguagem! Mas se és tu que a levas, por teu gosto e vontade. Por causa de um salteador de segunda... São Joaquim, disseste? Vou ficar sem um amigo, para falar dos velhos tempos.

— E Santa Isabel, com São Zacarias, primos com quem ela sempre se deu. São parentes muito próximos. Lembra-Te que, quando estava para nascer o menino...

— Sim, lembro-me.

— E levo o Filho.

— O quê?

— O Filho.

— O Filho é meu, José. Que conversa é essa? Apenas o confiei à tua guarda, enquanto era menino.

— Sinto por Ti. Por nossa amizade que já conta milênios. Maria vai insistir. Marta, Madalena e Lázaro irão sair naturalmente, e os doze apóstolos, mais os setenta. Questão de solidariedade. E os santos mártires das arenas romanas e os Dez mil de Saragoça.

— Sem o Filho, acaba-se a Santíssima Trindade. Ficamos aqui somente o Pai e o Espírito Santo. E os anjos e arcanjos. Talvez alguns santos.

— O Espírito Santo acompanhará o Filho — contou José. — Esteve com Ele no seu martírio. Santos e anjos virão, não Te impressiones. E o Pai...

— Chega! — clamou o Pai. Não posso consentir que o céu fique vazio. Ainda acabas provando com teus argumentos capciosos que Eu, o Pai, tenho que sair também. Manda entrar o Mastrilhas.

São José dissimulou o sorriso por trás das barbas e se abanou com o seu bastão perfumado. A polêmica lhe dera calor. Ufa!

Enquanto São Pedro escancarava as portas luminosas, o coro dos anjos entoou o cântico triunfal com que são recebidos os justos no Paraíso.



No capítulo das histórias, o filão mais rico é o dos contos de exemplo. Eles nasceram da alma do homem. Têm raízes dolorosas que ninguém nem nada no mundo conseguirá extirpar. Vêm do velho sonho humano de justiça e equidade, de que também nasceram o céu e o inferno.

Dizemos que o filão mais rico é dos contos de exemplo, sem contar, naturalmente, as fábulas, que têm exemplo consciente, propositado, e cuja presunção fundamental é ensinar.

Assim, se examinarmos brevemente o folclore universal, veremos exemplos de castigos da ambição, como no conto do lenhador que derrubou o machado no rio e na história dos dois corcundas. Castigo da leviandade e da incosequência, na série de recontos “o afilhado do diabo”. Castigo da inveja, no ciclo da madrasta má, como a que existe no conto da gata borralheira.

Castigo da desobediência, na história do Capuzinho Vermelho. E ainda são castigados a cólera, a preguiça e o excesso de boa-fé, este último tão pecado quanto os maiores que clamam aos céus vingança. A avareza e a maldade são punidas, na maior parte dos contos do ciclo de Malazarte.

Os contos de exemplo do ciclo demoníaco refletem, entre outros temas, o defeito bem nacional, brasileiríssimo, da gabolice. E o conto se volta para o sestro nosso de falar muito sem pensar no que dizemos, e também contra o hábito de irmos fazendo coisas sem medir as consequências.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.  
**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM OUTUBRO DE 2021